

OS ADEPTOS DO RAULSEIXISMO: UMA REFLEXÃO SOBRE IDOLATRIA E CONVERSÃO A PARTIR DOS DISCURSOS DOS FÃS DE RAUL SEIXAS

*Juliana ABONIZIO**

RESUMO: O cantor e compositor Raul Seixas tem um público grande e heterogêneo, do qual se destacam os raulseixistas. Estes não apenas admiram um cantor de *rock*, mas transformam suas vidas, estabelecem relações com seus pares, distanciam-se de outros e criam sociabilidades próprias, articulando-se no tecido social de uma forma específica. Para compreender a experiência de ser fã e o processo de identificação com o ídolo foram analisadas trezentas cartas sorteadas dentre as enviadas ao fã-clubes que homenageia o cantor: **Raul Rock Club**. Os relatos encontrados nas cartas possibilitaram uma interpretação acerca da produção subjetiva baseada na relação com um outro – o ídolo – construído enquanto tal na relação entre admiradores e admirados, necessariamente assimétrica. Discutir sobre essa relação auxilia na reflexão sobre a produção de celebridades e a idolatria, fenômenos de dimensões e consequências bastante visíveis na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fã. Raul Seixas. Subjetividade. Identidade.

“Quero ser sócio. Como fazer para me associar?” Essa é a tônica da grande maioria das cartas que chegam diariamente ao **Raul Rock Club – Raul Seixas Oficial Fã-Clube**. Algumas das correspondências são pequenos bilhetes com essa pergunta, outras tantas são bem mais eloquentes, mas em síntese, a maioria tem traços similares: trata-se de cartas de fãs anônimos do cantor Raul Seixas dispostos a encontrar seus pares e distinguirem-se dos demais por símbolos, como ter camisetas, coleção completas de discos e livros, *posters* e, principalmente, a carteirinha de sócio.

* UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso – Departamento de Sociologia e Política. Cuiabá – MT – Brasil. 78060-900 – j_abonizio@yahoo.com.br

A partir dessa primeira constatação, outras questões despontam. Para compreender suas configurações e os sentidos dos discursos presentes nas cartas, a própria motivação em escrever para um fã-clube tornou-se um item de indagação. Afinal, por que um fã não pode sê-lo simplesmente, mas tem que se tornar membro de um clube? A filiação era o único objetivo da carta? Para além dessa imediata intenção, o que mais os discursos daqueles fãs poderiam revelar? Era possível conhecer o autor da carta pelo fragmento que a constitui?

As cartas analisadas tinham como destinatário o **Raul Rock Club**, localizado na cidade de São Paulo, sendo a maior e mais antiga associação do gênero, fundada em 1981. As cartas enviadas pelo correio, depois de lidas pelo presidente, são marcadas com códigos que sinalizam seu objetivo e destino e, após isso, são descartadas. Dentre as que teriam esse fim, milhares foram coletadas para essa pesquisa durante os anos de 2001 a 2005, dentre as quais foram sorteadas trezentas para a análise. Das cartas sorteadas, das quais se buscava compreender qualitativamente os indivíduos biografáveis que as escreveram, a maioria foi enviada por homens de todos os estados brasileiros, sendo a maioria do estado de São Paulo.

Após o sorteio, as cartas foram lidas e fichadas atentando tanto para a repetição de temas quanto pelo caráter inusitado de algumas delas. Pela análise das cartas nota-se que a decisão de escrever e associar-se não se dá sem conflitos, como percebemos os seguintes trechos escritos por pessoas diferentes: “[...] já faz muito tempo que eu tento criar coragem e aqui estou eu [...]”, “[...] faz um ano que quero escrever [...]”, “[...] quero me corresponder desde 85 [...]”.

Tendo decidido escrever com relativa angústia um pouco inadequada, já que um fã-clube não é uma organização muito seleta¹, fãs justificam sua vontade de ingressar: “[...] quero ser um fã oficial de Raul Seixas”, “[...] eu queria isto não só por ser muitíssimo fanático, mas para dizer aos colegas”, “[...] queria muito ser um raulseixista documentado.”

Eis que se delinea a percepção que fazem de si mesmos. Um fã é um ser anônimo que só tem valor quantitativo (COELHO, 1999), se não pode escapar dessa condição de fã, busca singularidade entre outros mais anônimos ainda. Ser fã qualquer um pode ser, mas ser “oficial”, “documentado”, membro de um fã-clube que pensam ser mais seleta do que é de fato, garantiria uma percepção de si mesmos mais individualizada, mais singular. No entanto, não basta o fã saber-se documentado, precisa que outros saibam disso: é preciso mostrar aos colegas.

¹ Com isso, quero salientar que qualquer pessoa pode escrever para um fã-clube e se tornar membro. Não há qualquer espécie de seleção ou de quesitos necessários para ser membro, basta querer.

O fato de mostrar aos outros refere-se à percepção do sujeito que se constrói baseado no reconhecimento por outros em situação de interação social. O eu representado no drama cotidiano (GOFFMAN, 1999) em muito se define pelo produto consumido, no caso, o próprio cantor e revela que esse consumo é socializado na tentativa de construção de uma identidade para si e para outros. Os produtos consumidos passam a se exibidos na aparência: nas camisetas que estampam faces e frases do cantor, nas tatuagens e da adoção de barba e óculos escuros.

É nas teias desta **reflexividade estética** que ritualizamos identidades, as modificamos e as representamos. A ideia de *self* (si próprio) envolve um processo reflexivo em que o indivíduo se toma a si mesmo como objecto. Quem sou eu? O que devo fazer? Vou para mesa-redonda com ou sem gravata? Dúvidas que levam ao questionamento do me (mim), a forma como me olho através do olhar dos outros. (PAIS, 2010, p.119, grifo do autor).

A lenta decisão de tomar a iniciativa de escrever cede lugar aos pedidos de urgência na resposta: “Não posso ficar de fora” – esta frase (com variações) é outra constante das cartas e os pedidos de urgência que beiram ao absurdo, como enviar um telegrama para caixa postal pedindo para ser sócio imediatamente. É de se supor que a pressa em ser sócio, seja pressa em mostrar aos outros, porque, para um indivíduo, ter uma carteirinha hoje ou em seis meses não faria tanta diferença. A pressa é não ficar de fora, é não ser excluído, é tornar-se membro, destacar-se entre fãs ainda mais massificados.

Se é difícil decidir enviar uma carta solicitando associar-se, há que “provar” ser merecedor de tornar-se membro do fã-club. Fãs simplesmente todos podem ser, são o lado anônimo da dicotomia massificação/singularização que caracteriza a relação entre fãs e famosos. No papel de fãs, não podem ser famosos, ter uma singularidade e constituir-se plenamente como indivíduo – que é o que caracteriza a condição de ídolo –, então buscam ao menos singularizar-se entre os anônimos (COELHO, 1999): recorrem ao fã-club para tornarem-se fãs especiais, menos anônimos que outros. Passam a ser “fãs com carteirinha”, “fãs oficiais”, “fãs documentados”. Mas como provar que é um fã que merece essa singularidade relativa a outros fãs?

Um fã escreve ao **RRC** contando que há tempos queria escrever, mas se impôs barreiras como decidir escrever somente depois de ter toda a discografia. Retirou essas barreiras autoimpostas ao ser alertado por sua professora sobre a necessidade de escrever. Escreveu, mesmo tendo apenas dois livros e dois CDs (abreviatura de *Compact Disc*) do cantor. Esse fã achava que só deveria escrever

depois de merecer ser um membro do fã-club e seria merecedor após ter todos os CDs, só através da quantidade de material adquirido poderia provar o quanto ele gosta e compreende a obra do ídolo.

Esse tema é o segundo mais frequente nas cartas que se destinam ao **RRC**. As pessoas pedem material sobre o cantor, perguntam onde adquirir CDs e livros, pedem camisetas e bonés, outras vezes descrevem tudo o que já adquiriram em listas anexas.

Alguns dos pedidos e das dúvidas são mais gerais, como perguntar simplesmente onde adquirir CDs, enquanto outros são mais específicos, perguntando sobre um determinado CD ou livro. Algumas vezes, estas perguntas vêm acompanhadas da descrição do que já possuem, como se o fato de ser colecionador os tornassem mais dignos de serem fãs oficiais, de fazer parte de um grupo considerado por eles mesmos mais seletivo do que o anonimato que caracteriza a condição de fã.

Esse aspecto faz questionar a veracidade de algumas cartas, pois há os que escrevem manifestando o desejo de adquirir CDs e lamentando o fato de não encontrá-los em lojas especializadas, mesmo sendo o remetente de cidades médias e até de capitais estaduais. É bastante improvável não encontrar CDs do cantor, visto que ele é um *long seller* e tem cerca de 50 títulos à disposição no mercado (ABONIZIO, 1999). Por exemplo, um fã que se define como “doente” por Raul e afirma ser também colecionador diz: “não tenho mais porque não consigo encontrar aqui em Cuiabá-MT”.

A mensagem aí embutida é que se justifica o fato de não ter a discografia completa por não tê-la encontrado, ou ainda pode significar que, ao manifestar o interesse em adquirir coisas sobre Raul Seixas, provaria que se é merecedor de ser membro, afinal, ele **ainda** não tem os materiais, não os encontrou, mas terá, o que o torna um fã diferenciado. É um colecionador, não um ouvinte qualquer.

Além das perguntas, listas de itens de coleção e pedidos sobre materiais, há outras estratégias que se manifestam nas cartas buscando a diferenciação, como o tempo em que se é fã. Por exemplo, um fã escreve dizendo que quer ser sócio “pois sou fã dele desde 1994”. Outro quer se associar após “anos cultuando nosso querido Raul Seixas.” Outro ainda diz “acompanho Raul desde 1987”, outra afirma gostar de Raul há três anos e já se considera “raulseixista”.

Gostar de Raul Seixas há muito tempo, dizer que o acompanha, mesmo apesar de sua morte e, finalmente, considerar-se raulseixista demarca os degraus pelos quais passam os fãs de Raul Seixas. Dificilmente os divulgadores mais sistemáticos da obra de Raul Seixas, como os fãs que escrevem livros e promovem eventos que homenageiam o cantor, definem-se como fãs, já estão em outro patamar, começaram

fãs, mas agora são raulseixistas, alcançando um patamar mais elevado da hierarquia dos fãs em geral.

Ao entrevistar Renata Passos, a então gerente do **RRC**, conversamos sobre como é ter um ídolo que já morreu. Em sua resposta ela contou-me que sofria em saber que nunca poderia ir a um *show* do cantor, mas isso quando ela “era fã”. Ela e o marido coordenavam um fã-club, mas não são fãs de Raul Seixas. O fato de dizer que foi fã, utilizando o tempo passado, confirma a existência de patamares a serem galgados pelo público.

Ser raulseixista seria o ápice almejado pelos fãs de Raul Seixas. Já não se consideram meros fãs, ultrapassaram alguns degraus, tanto por terem adquirido produtos sobre Raul Seixas quanto por terem “compreendido sua obra”. Entre os níveis que hierarquizam os fãs, todos passam por fases, uma fase mais fanática, na qual você só ouve músicas do cantor e começa a colecionar para depois finalmente compreender a obra. Nesta fase, os símbolos como camisetas e descrição de coleções já não são tão importantes. (TEIXEIRA, 2004)

O poeta Costa Senna (ABONIZIO, 1999) divide o público de Raul Seixas entre os raulmaníacos e os raulseixistas, os últimos considerados mais evoluídos nesse terreno. Para Teixeira (2004), raulmaníaco seria considerado o neófito, enquanto ser raulseixista já não significa ser um fã obstinado e tampouco um mero colecionador. É um ser diferenciado. E neste ponto há duas distinções:

Uma coisa é um **fã** dizer-se raulseixista no sentido de ser “seguidor da obra do cantor, de ser adepto do raulseixismo”. Entre as várias definições de Raul Seixas encontradas nas cartas há sempre a conotação de considerá-lo guia espiritual ou filosófico (ABONIZIO, 1999; BUARQUE, 1998; TEIXEIRA, 2004). O cantor é tratado pelos fãs como mestre, Messias, profeta, guru, mago, rei, guia e até mesmo Deus. Deste ponto de vista, ser raulseixista seria adotar como visão de mundo (maneiras de ver e agir sobre o mundo) as concepções que extraem das músicas de Raul Seixas. Por exemplo: “...foi através de suas músicas que percebi o verdadeiro sentido da vida”, “...minha esposa disse outro dia que Raul é minha religião e cheguei à conclusão que ela tem razão”.

Desse ponto de vista, ser raulseixista seria adotar a compreensão que se tem das músicas do cantor como maneiras de atuar sobre o mundo, mas eis que o outro sentido do termo se revela: ao tentar definir a si próprio, Raul Seixas disse ser raulseixista. Definir-se do mesmo modo que o cantor seria a tentativa implícita de se igualar ao ídolo. Tentativa frustrada no momento da própria definição, pois só Raul Seixas pode ser raulseixista, só ele tem a autenticidade em dizer que a única corrente que segue é a sua própria, derivada de seu próprio nome.

Neste momento, surgem questões adjacentes: a do próprio nome, do renomear-se, do travestir-se, da maneira de interpretar o mundo que formam um complexo, por vezes bastante paradoxal, entre o ser autêntico e ser o mesmo. Resta perceber como os raulseixistas realizam as tendências à fusão ao grupo social e o desejo de destacar-se singularmente, destacado por Simmel (2004) ao discorrer sobre mimetismo e originalidade.

Para José Machado Pais (2010), a sociedade contemporânea caracteriza-se por ser dilemática, estando em tensão entre os tipos de reflexividade: a reflexividade impositiva, orientada pelo passado e a reflexividade transformadora, orientada para o futuro. Essa tensão revela-se nas incertezas, nos riscos, nas dúvidas.

Frente a múltiplas possibilidades de escolha, o problema torna-se ter de escolher. Diante desses dilemas da vida cotidiana surgem inúmeros guias, como livros de autoajuda, o que faz com que Pais (2010) questione se tais literaturas servem à emancipação ou se, diferentemente, estimulam uma falsa consciência de emancipação. Sendo o cantor Raul Seixas percebido como guia para seu público e sendo um cantor de temas sobre liberdade, sobretudo a liberdade individual (ABONIZIO, 1999), que tipo de identificação permite para seus seguidores? Trata-se de uma escolha reflexiva ou mera imitação?

Usar o sobrenome do cantor era prática de um fã-clubes de Raul Seixas (o **Raul mania**), mas não se mostra institucionalizada, ao contrário, é uma prática interstícia, a ponto de encontrarmos inúmeros **Fulanos Seixas** que fizeram individualmente essa opção. Cabe lembrar que o fã-clubes **RRC**, cujas cartas destinadas analisei, não adota essa prática, sendo inclusive condenada por seu presidente; não obstante, entre os remetentes, há os legítimos representantes da “enorme família Seixas”. Demonstrando esse desejo de pertença, um dos participantes da comunidade raulseixista virtual tem o apelido: **Fulano, quem dera, Seixas**.

Essa espontaneidade em se sentir da família do ancestral sugere uma solidariedade que brotou desta maneira, não ocasional nem intencional, de modo que percebemos um sentimento comum (partilhado, mas espontâneo) nos que assim se designam; que todavia não lhes é restrita, atingindo inclusive aqueles que mantêm o próprio nome.

Mesmo aqueles que derivam sua filosofia de seu nome (como Sylvio Passos, presidente do **RRC** disse ser **syviopassista**) têm uma vontade de pertença a despeito do desejo de autenticidade. É comum os fãs destacarem a autenticidade do ídolo, segui-lo, portanto, seria ser autêntico também.

Esse grupo então cria uma moralidade própria, à margem, gerando uma solidariedade específica, resultando na conjunção conservação-grupo-solidariedade

que tem, segundo Maffesoli (1998, p.133), “na noção de família uma expressão privilegiada”.

A noção de família ampliada (ou noção ampliada de família) “[...] tem por função proteger, limitar as usurpações do poder superimposto, servir de muralha contra o exterior”. (MAFFESOLI, 1998, p.133)

Mas no plano do indivíduo, isso não se dá sem conflitos. Uma coisa é ser um ídolo, portanto constituído como indivíduo singular, ser Raul Seixas, com nome, sobrenome, rosto e ponto de vista conhecidos e reconhecidos. Outra coisa é apropriar-se da definição do cantor, adotar a visão de mundo extraída de sua obra e biografia, adotar sua aparência e finalmente adotar seu nome e, mais frequentemente, seu sobrenome para definir-se a si próprio.

Dizer ser raulseixista sem ser Raul Seixas significa ser diferente do ídolo de que se busca ser igual. Os fãs perseguem incessantemente a originalidade, originalidade que perdem com a maneira com a qual se definem.

As cartas dos fãs discorrem sobre liberdade, sobre sentir-se diferente e crítico em relação à massa que julgam ser acrílica e pasteurizada. Os fãs parecem se sentir ilesos em relação ao processo de massificação e adotam traços rebeldes; no entanto, essa postura crítica desaba quando lemos as assinaturas: **Fulano Seixas**. Onde fica o indivíduo?

Dentre os inúmeros **Fulanos Seixas**, há somente um Raul Seixas. Por ter essa compreensão, quiçá atravessada, alguns manifestam certa humildade, dizendo, por exemplo, desejar estudar para ser “pelo menos metade do que o Raul é”.

E em suas definições são exatamente **metades**, seus prenomes são mantidos, mas seu sobrenome é adotado, o indivíduo resta fragmentado, embora concebam que, ao adotar o sobrenome do cantor, provam que são da mesma linhagem, têm a mesma procedência, têm semelhanças suficientes que lhes autorizam dizer que são “raulseixistas”. Constituídos como indivíduos fragmentados, orgulham-se de seu novo nome e da sua nova maneira de agir, do seu novo rosto e de sua nova habilidade em tocar violão e, na representação que fazem para si mesmos e para outros, querem ser assim reconhecidos pelos atores sociais com os quais convivem, em um processo tenso de construção identitária. Veja os trechos: “...eu ando com a camisa do Raul direto quando eu saio à noite, os colega paga mó pau”, “...não gosto de usar camisas de bandas, mas a do Raul eu uso, e com muito orgulho”, “...gosto de mostrar as pessoas que amo o Raul, (...) às vezes quero morrer, mas quando ouço Raul Seixas, eu vejo que vale a pena viver sim. É preciso tentar outra vez. Vivo por Raul”.

Na aparência, fãs buscam delimitar quem são, aproximar-se dos seus iguais e distanciar-se de outros grupos. Para Maffesoli (1999), a aparência serve de cimento

societal, e as pessoas que se curvam sob um modo de se vestir curvam-se também ao estilo de vida que isso representa. E isso aparece de outras maneiras, como o fato dos fãs terem Raul **dentro** deles próprios, como elemento constituinte de sua identidade. É assim que se reconhecem: “[...] hoje o Raul faz parte da minha vida como se fosse uma parte de mim, uma parte que nunca será arrancada.”, “[...] sou Raul de tanto que me inspiro nele”², “[...] meu Rei, meu bruxo, meu amigo ao qual eu busco nos momentos mais torpes, e aí eu faço e digo o mesmo que eu sei que você diria”, “[...] tinha minha coleção do Raul e apareceu uns pastores que viraram a cabeça da minha mulher e ela destruiu tudo que eu juntei do Raul [...] ela me pediu para escolher, ou eu ou o Raul, o resto não precisa nem dizer né, sinto saudades dela”, “[...] suas músicas me serviram como conselhos, suas histórias de vida como exemplo, ao ouvir suas músicas parece que ele fala comigo, parece que sinto sua presença,” “[...] Raulzito me inspirou a tocar violão. No meu violão, só toco raulseixismo [...] [...] Sou chamado pelos meus colegas de Raulzito em Manaus”, “[...] agora nunca mais fico triste tendo Raul do meu lado, e sei que um dia ele virá me buscar no seu disco voador [...] falando nisso, eu cheguei a chorar por causa disso, fiquei muito nervosa, não parava de chorar, minha mãe pensou que eu estivesse louca”³, “[...] eu já fui evangélico agora hoje eu só quero cantar as músicas de Raul Seixas”.

Colocar sua própria vida à disposição de um cantor de *rock*, reconhecê-lo como elemento de si mesmo, imitar seu comportamento, acabar um casamento e mudar de religião, todos esses aspectos resultam na maneira como as pessoas vêm a si mesmas: ser evangélico significa adotar certa visão de mundo, certas práticas, vestir-se de um modo específico e pertencer a um grupo; substituir uma religião com todas essas implicações para adotar um cantor de *rock* e tudo que lhes atribuem (mais uma vez, maneiras de se vestir, agir, pensar e fazer parte de um grupo) reflete a busca por pertencimento e revela uma heteronomia, outros decidirão, pois para pertencer a um grupo, há que se curvar ao código de conduta (neste caso implícito) desse grupo, o que traz a dúvida sobre a reflexividade característica do mundo contemporâneo e a autonomia de decisão individual. Para Giddens, Beck e Lash (1995), na modernidade reflexiva os agentes teriam capacidade de autoreflexão e decisão.

Para Maffesoli (2001), uma característica da atualidade seria justamente a heteronomia opondo-se a noção de indivíduo racional e autônomo; outra característica seria a pluralidade de grupos com códigos de conduta diversos entre os quais há certa fluidez. A carta citada anteriormente parece confirmar esses aspectos, um indivíduo pertence a um grupo evangélico, depois a um fã-clube, estando à deriva sem saber escolher e posicionar-se diante da efervescência de

² Na continuação da carta, ele diz querer ser *cover* e “viver para Raul”.

³ Tem 15 anos.

grupos diversos – cuja existência é uma característica paradoxal de uma sociedade de massa – o indivíduo, um tanto fragmentado, busca grupos que decidam por ele a maneira de se vestir, de pensar, de se relacionar, casando essa vontade de pertença ao desejo de se singularizar para constituir-se como indivíduo diante de uma massa.

Esse aspecto é revelado quando, além de dizer que Raul Seixas faz parte da **alma**, fãs buscam posicionar-se frente a outros indivíduos. Assim, o aspecto que julgam ser absolutamente interno, como o amor pelo ídolo, revela-se externo; é necessário demonstrar aos outros que você é fã, que você é o melhor fã, que você é **quase** Raul, que no papel de ídolo significa um indivíduo singular distante da massa que o segue: “[um fã] falou tanta coisa do Raul que eu fiquei admirado e com muita inveja dele⁴” ou ainda “a minha intenção é ser realmente fã com todo o conhecimento para que quando me fizerem uma pergunta eu saiba responder com certeza e possa também influenciar mais pessoas a curtir o Raul⁵”.

E na busca de diferenciação de outros fãs e de maior semelhança com o Raul, trago ao exemplo outra carta. Após elogiar eloquentemente Raul Seixas, um moço conta um pouco de como ajuda divulgar a obra do cantor e encerra com um triste e contrastante “não sou Raul”. Outro ainda, em vez de adotar o sobrenome como tantos outros fazem, assina **Fulano (quem dera) Seixas**. Da humildade de não se saber igual e achar-se indigno de desejá-lo, a vontade explícita de ser semelhante e à adoção de práticas que imaginam terem sido as do cantor, os fãs de Raul Seixas demonstram uma crise.

Na busca de singularização, uma moça de Valença-BA escreve ao **RRC** buscando ser sócia e conta que vai ao cemitério em todos os aniversários de morte do cantor e, inclusive, já viu e conversou com Raul Seixas várias vezes. Eis que dá seus dados para o cadastro: ela nasceu em 1985. Raul Seixas morreu em 1989, o que impossibilita o convívio entre ambos.

No desejo de delimitar-se como um indivíduo mais completamente constituído, fãs escrevem criticando o que julgam ser uma massa amorfa ao mesmo tempo em que se sentem marginalizados por adotarem posturas não plenamente condizentes com o *status quo*. Algumas vezes, essa marginalização cede lugar a um orgulho da diferença. Sentem-se mais originais que os que lhes criticam, embora também sejam imitadores.

Não ter um discurso claro, não demonstrar a que escola corresponde seu discurso e resultar-se em colagem de mil pedaços potencializa a tensão entre as

⁴ Este fã quer mostrar para os amigos que “é fã de carteirinha”.

⁵ Ele conta um sonho que teve com Raul que até hoje nunca havia sido contado: “No sonho ele me pedia: Vá e divulgue minhas idéias.”

fragmentações grupais, a incoerência em posturas e a necessidade de pertença, de dizer que não está sozinho: um fã-clube pode exercer essa função.

Um fã escreveu para o presidente do fã-clube, Sylvio, temendo que ele ache a carta “chata”, o que demonstra outra característica encontrada em cartas similares. Raul Seixas é um ídolo do qual se salienta a rebeldia; ao escrever os fãs tentam mostrar que são rebeldes também, tentam não escrever de maneira formal que julgam poder ser rotuladas como “caretas” em oposição à rebeldia que querem corresponder. Outro fã define-se um “fã obstinado e muito crítico das músicas e da vida do inesquecível Raulzito”. Como é possível ser obstinado e crítico ao mesmo tempo?

Em outra carta, após discorrer sobre liberdade em tons de elogio, o fã diz tomar decisões imaginando como Raul as tomaria. Que liberdade é essa? Liberdade de ser igual? Esse mesmo fã, em outro trecho da carta, diz “sou Raul de tanto que me inspiro nele”.

Ser raulseixista para Raul Seixas é ser embaixador de seu próprio país (PASSOS, 1990). Ao se advogar a liberdade, mas dizer-se Raul nas decisões que toma, não é ser se não um imitador? E, portanto, pouco ou nada raulseixista em sua definição original.

O indivíduo, deixado só para decidir entre as várias maneiras de ocupar papéis, de criar uma identidade, de apropriar-se de sua subjetividade, delega a outro, no caso o ídolo, a sua própria definição (raulseixista), seu nome (Seixas) suas práticas (que são inspiradas pela imaginação do que o ídolo do qual busca ser igual faria) e seu rosto (com barba se avolumando). A tensão dessa idolatria manifesta-se de maneira exacerbada nos *covers*.

Que estranho paradoxo é esse em se saber fã, portanto anônimo, e buscar ser conhecido, portanto singular, se não como imitador?

Um fã escreve que espera que não tenha sido considerado “formal babaca” pela maneira de escrever, outro diz que escreveu à mão porque “sentiu” que Raul gostaria assim, algo “mais Raulzão, mais rascunhado”, outro ainda relata que reprovou na escola pois ficava desenhando caricaturas de Raul em vez de estudar, além de cabular aulas para beber e ouvir Raul com os amigos: “Eu faço cada loucura. No dia 21 de agosto fizemos altas festas aqui em casa. Os vizinhos ficavam todos de pescoço”.

Alguns pedem desculpas pela maneira formal de escrever e outros tentam parecer rebeldes, provar que são irreverentes e, portanto, mais próximos do ídolo do qual comumente se destaca a rebeldia. Mas que liberdade buscam? Há uma rebeldia ou há somente uma recusa inocente do estabelecido?

Matar aulas e embriagar-se não parece ser mais que uma provocação inocente. No entanto, Machado Pais (2004, p.12) alerta para a possibilidade de

haver questionamentos fecundos na prática da vida cotidiana a despeito do aparente conformismo:

De fato, e independentemente da manifestação de um aparente conformismo existencial, não será que os jovens desenvolvem, a nível de sua vida quotidiana- a nível, por exemplo, das sociabilidades com os seus grupos de amigos-, um tipo particular de afirmação social? Ou será que os índices de criatividade, de afirmação ou de passividade juvenis apenas devem ser investigados por referência aos domínios de poder e das instituições dominadas pelas gerações mais velhas e não nos seus próprios domínios? Não será que os aparentes “conformismos” dos jovens acabam por dissimular inversões significativas, modificações ou reapropriações de sentido, comportamentos criadores, em torno ou à revelia de uma rede de dependências, proibições, obrigações – elementos constitutivos, por sua vez, da própria quotidianidade?

Com essa argumentação de Pais, surgem algumas inferências, afinal, os questionamentos realizados pelos fãs de Raul Seixas podem não se situarem nas representações, mas na produção de subjetividade da qual trata Guattari (GUATTARI; ROLNIK, 1993). Além disso, Maffesoli (1999) salienta que, uma das características do “tribalismo pós-moderno” é a recusa ao enfrentamento para tomada de posturas (críticas e questionadoras sim) mais tácteis.

Dessa forma, a análise do discurso desses fãs e do empunhar uma bandeira não seria suficiente para dar a real dimensão das críticas que fazem ao estabelecido, essas poderiam ser encontradas no humor, na aparência, nos rituais.

Esses processos de subversão da subjetividade dominante não têm pretensões macrossociais nem procuram referências na totalidade, embora não lhe sejam independentes (GUATTARI; ROLNIK, 1993).

Opondo-se à noção de individualismo, autonomia e razão, esse grupo traz à tona as redes relacionais, a heteronomia, a participação de um mito comum e a crença no destino que são características que dão cor à atualidade. É assim que um movimento aparentemente pequeno como o raulseixismo liga-se às tendências mais amplas, trazendo em seu bojo as características da atualidade: o reencantamento do mundo; o retorno ao nomadismo e a queda do individualismo com a ênfase no estar junto. Essas características presentes no público raulseixista são apresentadas por Maffesoli (1998, 1999, 2001) como marcas da pós-modernidade e meios de compreendê-la.

**THE ADEPTS AT “RAULSEIXISMO”: A REFLECTION
ABOUT IDOLATRY AND CONVERSION BASED ON
SPEECHES OF RAUL SEIXAS’ FANS**

ABSTRACT: *The singer and composer Raul Seixas has a wide and diverse public named “raulsexistas”. The raulsexistas not only admire the rock singer but transform their lives, by establishing relationship with friends, getting apart from others and creating their own social networks, very specifically articulated. In order to understand the experiences of being a fan and the process of identification with the idol, we analyzed three hundred letters randomly picked amongst those ones sent to the fan club Raul Rock Club. The stories in the letters allowed us to make an interpretation about the relationship with the idol and the subjectivity relation based on admired and admirer. Discussing this relation provides some support on the reflection about celebrity creation and idolatry, phenomena sufficiently visible in the contemporary society.*

KEYWORDS: *Fan. Raul Seixas. Subjectivity. Identity.*

Referências

- ABONIZIO, J. **O protesto dos inconscientes:** Raul Seixas e micropolítica. 1999. 474f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras- Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.
- BUARQUE, M. **Culto-Rock a Raul Seixas:** entre a rebeldia e a negociação. 1998. 179f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1998.
- COELHO, M. C. **A experiência da fama.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GIDDENS, A; BECK, U; LASH, S. **Modernização reflexiva.** São Paulo: Ed. da UNESP, 1995.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo:** vagabundagens pós-modernas. São Paulo: Record, 2001.

_____. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PAIS, J. M. **Lufa-lufa cotidiana**: ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

PAIS, J. M.; BLASS, L. M da S. (Org.). **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: AnnaBlumi, 2004.

PASSOS, S. (Org). **Raul Seixas por ele mesmo**. São Paulo: Martin Claret, 1990.

SIMMEL, G. **Fidelidade e gratidão e outros textos**. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

TEIXEIRA, R. da C. **Krig-há**: Cuidado, aí vem Raul Seixas. Rio de Janeiro. 2004. 297f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

Recebido em julho de 2010

Aprovado em outubro de 2010

